



## ***Rebobine Por Favor* e seus paralelos com o mercado de home video <sup>1</sup>**

Rogério Secomandi MESTRINER<sup>2</sup>

José GATTI<sup>3</sup>

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP

### **RESUMO**

Inspirado pela trama do longa metragem *Rebobine Por Favor* (*Be Kind Rewind*, 2008), dirigido por Michel Gondry, o presente estudo pretende traçar um breve painel sobre o auge e o declínio do VHS, o surgimento das mídias digitais e as conseqüências do advento destas mesmas mídias sobre o mercado de *home video* estadunidense, buscando identificar como esses pontos abordados no texto encontram paralelos na narrativa do filme analisado.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema; *home video*; Michel Gondry; mídias digitais.

### **TEXTO DO TRABALHO**

No filme *Rebobine Por Favor*, dirigido e escrito por Michel Gondry, o senhor Elroy, proprietário de uma videolocadora, vê seu negócio afundar, uma vez que seu estabelecimento fornece apenas fitas VHS e sofre com a concorrência dos estabelecimentos modernos. Sem dinheiro e ameaçado de ter seu imóvel demolido pela prefeitura, Elroy começa a estudar o mercado de discos digitais, deixando seu funcionário Mike encarregado pela loja. Um amigo atrapalhado de Mike, chamado Jerry, desmagnetiza as fitas da locadora por acidente e, desesperados, começam a reencenar o acervo da loja antes que o chefe volte, utilizando uma câmera VHS e as fitas apagadas. A manobra dá certo e os vídeos são totalmente aceitos pela comunidade local, aumentando a demanda exponencialmente. Senhor Elroy volta determinado a transformar seu negócio em uma locadora de DVDs, mas reconhece que os filmes

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som da UFSCar (Campus São Carlos) iniciado em 2009, email: [roger.mestriner@gmail.com](mailto:roger.mestriner@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som da UFSCar (Campus São Carlos), email: [zegatti@uol.com.br](mailto:zegatti@uol.com.br).



“suecados” (termo utilizado na narrativa para identificar os filmes refeitos) geram muito mais lucro que o mercado de locações.

O sucesso das refilmagens caseiras de clássicos do mercado de *home video*, como *Robocop*, *Os Caça-Fantasmas* e *Conduzindo Miss Daisy*, acaba por atrair a atenção dos agentes federais, que destroem o negócio deles alegando que estão infringindo a lei. Em uma tentativa final de angariar fundos para evitar a demolição do estabelecimento, a comunidade local se une para realizar um filme original sobre um músico que nasceu e viveu nesse mesmo bairro.

Momentos antes da demolição, o filme pronto é exibido para a comunidade, projetado em um lençol branco pendurado na vitrine da loja. Perto do final da projeção, o proprietário e os realizadores saem do estabelecimento e são recebidos com uma ovação geral de uma multidão que assistiu ao filme do lado de fora, através da vitrine.

Essa abordagem imaginativa do mercado de *home video* serve aos propósitos do diretor para realizar uma homenagem ao cinema e à popularização dessa arte através do VHS, além de deixar clara sua postura perante a pirataria digital. O filme não faz referências diretas a sites de divulgação de vídeos amadores como o YouTube, e deixa implícito referências aos serviços de compartilhamento online de filmes e pirataria, sendo o termo “suecar”, cunhado pelo filme, uma referência à constituição da Suécia, país onde a idéia de compartilhamento online de dados é protegida pelo governo como uma forma de expressão livre e sites tidos como criminosos podem operar no país sem complicações legais.

No microcosmo que criou em seu filme e pelo seu retrato da comunidade demonstrada, Gondry ecoa a afirmação de Octávio Ianni:

Cada indivíduo pode ser um feixe de articulações locais, nacionais, regionais e mundiais, cujos movimentos e centros de emissão estão dispersos e desterritorializados mundo afora. Seu modo de ser, compreendendo ações, relações, reflexões e fantasias, passa a ser cada vez mais povoado pelos signos espalhados pela aldeia global. (...) Em todas as esferas da vida social, (...) tudo se tecnifica, organiza-se eletronicamente, adquire as características do espetáculo produzido com base nas redes eletrônicas informáticas automáticas instantâneas universais (IANNI, 2000, p. 124).

O microcosmo de Michel Gondry é a aldeia global em uma placa de Petri, captada em película a fim de esclarecer a sua mensagem, com os signos fílmicos espalhados pelo popular *home video*, que alteram a vida dessa comunidade quando ela tenta emular os produtos culturais então destruídos.



## O VHS e a guerra de formatos

VHS, sigla para *Video Home System*, é o formato de distribuição de filmes bastante popular que dominou o mercado de *home video* entre as décadas de 80 e 90. Durante o final da década de 70 e início dos anos 80, houve uma declarada guerra pelo mercado de *home video* entre os formatos VHS e Betamax.

O VHS é um sistema de gravação e reprodução de áudio e vídeo em fita magnética acomodada em uma caixa plástica. Entre as vantagens do VHS estão maior velocidade de rebobinagem e aceleração, além de um sistema mais simples que o oferecido pelo formato Betamax, apesar de contar com menos linhas de definição de imagem; 280 linhas do VHS, contra 450 linhas da Betamax. O acesso ao material gravado na fita magnética é linear, contando apenas com aceleração e retrocesso como formas de manipulação do conteúdo.

A primeira empresa a lançar um videocassete (aparelho doméstico para a reprodução de filmes) foi a Sony, com o formato de fita Betamax, em 1975<sup>4</sup>. Em 1976 a empresa JVC anuncia o primeiro videocassete com o formato VHS<sup>5</sup>, declarando o embate entre as empresas pelo domínio do mercado.

Enquanto Betamax era reconhecido como o formato que oferecia melhor qualidade de imagem, o VHS ganhou reconhecimento de público por armazenar maior tempo de fita; sua capacidade total era cerca de 2 horas de filme, enquanto a Betamax suportava apenas 1 hora. Dessa forma, o VHS se apresenta como o formato ideal para a distribuição de filmes longa-metragem.

A batalha no mercado se estende por mais de uma década, com as empresas empenhadas na corrida tecnológica a fim de fornecerem melhor qualidade de imagem e maior tempo de gravação. No começo de 1988, a Sony desiste da competição e anuncia a fabricação de aparelhos de videocassete compatíveis com o sistema VHS da empresa rival, JVC. Apesar do embate entre as empresas para fornecer ao público um produto de melhor qualidade, a vitória do VHS se deve principalmente a uma intensiva e extensa campanha de marketing<sup>6</sup>, que foi bem sucedida ao pesquisar seu público e atender suas

---

<sup>4</sup> Vide *This is a revolution!* em: <http://www.sony.net/Fun/SH/1-13/h5.html> Acesso em: 03/03/2010

<sup>5</sup> Vide *Development of VHS, a World Standard for Home Video Recording, 1976* em: [http://www.ieee.org/web/aboutus/history\\_center/vhs.html](http://www.ieee.org/web/aboutus/history_center/vhs.html) Acesso em: 04/03/2010

<sup>6</sup> Vide WOODCOCK, R. e WIELAGE, M. *The rise and fall of Beta*.



necessidades mais latentes, como preços mais baixos, variedade de títulos e simplicidade de operação.

### **Impacto do mercado de *home video* sobre o cinema**

O mercado de *home video* foi bem recebido pela indústria cinematográfica, uma vez que provou ser um meio bastante lucrativo e essa mesma indústria havia passado por dilema semelhante décadas antes, com o advento da televisão. Nos anos 50 as salas de cinema começaram a perder público para a televisão e, como uma forma de impedir as perdas financeiras, limitaram a apresentação dos grandes estoques de filmes de longa-metragem<sup>7</sup>. Passado algum tempo, perceberam que o lucro seria maior se unissem forças com a indústria da televisão, ao invés de combatê-la. Uma vez que os filmes foram liberados para exibição nas redes de TV, a indústria de cinema tornou-se o maior produtor isolado de produtos para televisão.

Já contando com a televisão como um meio cotidiano da grande maioria da população e se apresentando como uma forma de continuar a exploração comercial de seus filmes após a carreira nas salas de cinema, os videocassetes e o mercado de locação foram recebidos de braços abertos pela indústria cinematográfica como uma nova fonte de renda. A mudança de hábitos do público se deu muito rapidamente, conforme os dados apresentados por Wilson Dizard Jr. em seu livro *A Nova Mídia*<sup>8</sup>:

\*Em 1980, quando os videocassetes ainda não tinham grande penetração nos lares americanos, 80% da receita da indústria cinematográfica se originou de vendas de entradas nos Estados Unidos; agora (em 2000), menos de 20% o fazem – o restante é arrecadado de vídeos domésticos e vendas para a televisão;

\*Em meados dos anos 90, domicílios americanos com videocassete alugavam uma média de 50 fitas por ano;

\*Em 1992, os americanos alugavam 197 milhões de fitas de vídeo em um mês. Admitindo-se, conservadoramente, que havia dois espectadores para cada filme alugado, isto representa uma platéia cumulativa de quase 400 milhões de espectadores domésticos em duas semanas, ou 40% do total do público dos cinemas americanos de um ano inteiro.

---

<sup>7</sup> DIZARD Jr., W. *A Nova Mídia*, p. 194.

<sup>8</sup> DIZARD Jr., W. *A Nova Mídia*, capítulo VII (Hollywood: Remodelando a Fábrica de Sonhos).



\*No final da década de 90, mais de 85% dos domicílios americanos estavam equipados com aparelhos de videocassete;

\*Calcula-se que em 1998 as vendas e locações de vídeo doméstico representaram um negócio de US\$17 bilhões; isso é mais que o dobro previsto das receitas das bilheterias dos cinemas.

\*Considerável maioria do público que aluga fitas leva para casa mais de dois filmes por mês, ao passo que a maioria dos frequentadores de cinema vão aos mesmos com frequência inferior a duas vezes por mês.

Tendo em vista que os números apresentados acima são números gerais, não se deve desconsiderar o fato que o mercado de *home video* abrange outros títulos que não tiveram lançamento em salas de cinema, tornando a divisão de lucros e dividendos mais esparsas entre os filmes lançados. Para ilustrar, a animação *O Rei Leão* (*The Lion King*, 1992), distribuído pela *Walt Disney Pictures*, teve uma renda total de bilheteria nas salas de cinema de US\$771.900.000,00, e US\$531.722.000,00 arrecadados no mercado de *home video* em todo o mundo<sup>9</sup>, totalizando uma arrecadação mundial de US\$1,3 bilhão, com mais de 25 milhões de fitas de vídeo do filme sendo vendidas no primeiro ano depois de sua estréia. Constata-se que, apesar da queda de renda geral, a maior parte dos lucros ainda advém das estréias em salas de cinema.

Porém, acontece também de um filme com má atuação nas bilheterias encontrar seu público nas locadoras, como aconteceu com o filme *Donnie Darko* (*Idem*, 2001). Lançado em 2001 pela *New Market Films*, o filme obteve retorno fraco de bilheteria, totalizando US\$514.545,00 nas salas de cinema. Com o lançamento em *home video*, teve um rendimento maior que US\$10 milhões<sup>10</sup>, catapultado pelo boca a boca do público e ganhou sobrevida, tendo então sido lançado uma “versão do diretor” e uma continuação direta em vídeo.

Durante as décadas de 80 e 90, o videocassete se estabelece como uma nova fonte de lucros para a indústria cinematográfica e é totalmente aceito pelo público, acarretando uma grande alteração em seus hábitos de consumo. Alugar filmes se estabelece como forma legítima de entretenimento, com o formato VHS favorecendo a difusão de filmes realizados e distribuídos por produtoras de pequeno porte lançados

---

<sup>9</sup> IMDb. *Box office / business for Donnie Darko* em: <http://www.imdb.com/title/tt0110357/business> Acesso em: 03/03/2010

<sup>10</sup> BURNETT, A. *Donnie Darko: The Director's Cut: The Strange Afterlife of an Indie Cult Film*.



diretamente em vídeo, uma vez que o lançamento em salas de cinema é muito dispendioso.

A aceitação do *home video*, portanto, é responsável em grande parte pela popularização de obras cinematográficas ao mesmo tempo em que reduz consideravelmente as receitas dos cinemas. Porém, o reinado da VHS começa a decair com o lançamento do formato digital DVD no final da década de 90.

### **DVD toma o lugar do VHS**

O DVD, sigla para *Digital Video Disc*, foi lançado comercialmente em 1997 e teve aceitação imediata perante o público consumidor. Ao contrário da guerra de formatos entre VHS e Betamax, o DVD foi desenvolvido com o apoio de diversas empresas e foi visto como um avanço evolucionário do VHS<sup>11</sup>, por oferecer diversas vantagens que o formato anterior não possuía.

O DVD é um sistema de armazenamento de dados digitais, com padrões de compactação de dados de alta qualidade que permitem a reprodução de conteúdo audiovisual com qualidade muito superior ao oferecido pelo VHS. Pelo formato digital, o filme pode ser acessado rapidamente em diferentes trechos, pela acomodação em capítulos, além de contar com uma capacidade de acomodação de dados muito grande, podendo disponibilizar informações extras sobre o filme, conteúdo interativo e diferentes línguas para a dublagem e legendagem do filme. O DVD tem 480 linhas horizontais de definição – contra as 280 do VHS – oferecendo também uma imagem mais nítida.

Com os preços dos aparelhos e mídias de DVD se tornando mais acessíveis e o formato digital ganhando espaço com o público, não demorou muito para que o VHS caísse rapidamente em desuso, tornando-se uma tecnologia quase obsoleta. Junho de 2003 marca a data da virada no mercado quando o número de aluguel e vendas de DVDs ultrapassou as de VHS, estabelecendo o início do fim da popularidade do formato analógico<sup>12</sup>. No mercado de *home video*, DVDs já tomaram completamente o espaço do VHS, sendo que as fitas VHS agora são usadas principalmente para a gravação doméstica de programas.

---

<sup>11</sup> Vide *Discount stores are a video lover's channel of choice* em: [http://findarticles.com/p/articles/mi\\_m3092/is\\_15\\_37/ai\\_50241583/](http://findarticles.com/p/articles/mi_m3092/is_15_37/ai_50241583/) Acesso em: 04/03/2010.

<sup>12</sup> CHANEY, J. *Parting Words For VHS Tapes, Soon to Be Gone With the Rewind*.



Apesar de um formato superior já estar no mercado – o *Blu-ray Disc*, que oferece melhor qualidade de imagem e som, além de maior capacidade de armazenamento de dados – o DVD não dá sinais que irá cair em desuso como o VHS. DVDs ainda representam 87% das vendas de *home video* e mais de um bilhão de aparelhos de DVD foram vendidos em todo o mundo<sup>13</sup>. A transição para o *Blu-ray* é lenta, uma vez que os custos de mídia e aparelhos ainda são muito altos, porém, um aparelho de *Blu-ray* é perfeitamente capaz de reproduzir um DVD, indicando que o formato não caíra em desuso tão cedo, não se configurando novamente uma guerra de formatos, portanto.

O formato digital de armazenamento audiovisual permite, pela convergência de mídias em torno dos computadores, uma grande facilidade para a ação da pirataria digital, gerando um impasse atual que a indústria ainda não encontrou solução ou forma de impedir seu avanço.

### **Gondry diante do impasse digital**

A genialidade de Gondry, em minha visão, reside ao criar em seu filme um mundo alternativo a fim de se posicionar diante de novas políticas do consumo audiovisual e do combate à pirataria. Apesar da queda expressiva nos números totais de arrecadação pela indústria do cinema, culpar unicamente a pirataria é ignorar uma série de fatores comportamentais do público, que vem passando por novas mudanças de preferências, e também a crise mundial generalizada.

Diversas atitudes foram tomadas por parte dos governos a fim de reter a distribuição digital de conteúdos audiovisuais, tomando atitudes drásticas como prender pessoas e cobrar multas absurdas pelo download de filmes. Aterrorizar seu público não é a melhor forma de obter o seu respeito.

Na trama de *Rebobine Por Favor*, representantes dos estúdios de cinema são vilanizados e, enquanto processam a locadora de filmes reencenados, dizem que a crise que os abate é devido à pirataria e estão tomando as medidas necessárias. A destruição das fitas é assistida desoladamente pelo seu público fiel que, após apenas consumir os filmes, passa a participar dessas produções, sentindo mais profundamente o destino de seus filmes. Gondry deixa claro nesse momento um embate entre a busca incessante por

---

<sup>13</sup> Vide *High-Definition Sales Far Behind Standard DVD's First Two Years* em: <http://www.movieweb.com/news/NECoxHEGdHLwGG> Acesso em: 04/03/2010.



lucro, por parte dos estúdios, e da busca do público por obras cinematográficas que ressoem de alguma forma dentro delas. A respeito das forças dominantes do mercado, no caso do filme, os estúdios cinematográficos, Ianni diz:

(...) cabe reconhecer que aqueles que detêm os meios de mando e comando, ou dominação e apropriação, muitas vezes podem também instituir o ritmo das atividades, a duração do trabalho, a comensurabilidade das coisas. Esse é o contexto em que se desenvolve o predomínio do princípio da quantidade, em detrimento do princípio da qualidade (IANNI, 2000, p.229).

Como forma de resistência à opressão dos estúdios, e com a aproximação da data da demolição da loja, a comunidade local se reúne toda para produzir um filme sobre o músico que residia no local, utilizando os mesmos recursos de baixo orçamento e grande criatividade que eles empregavam anteriormente, resultando em uma obra que é carinhosamente recebida pela comunidade toda, tanto produtores quanto espectadores.

Michel Gondry defende a idéia que os estúdios estão apenas determinados a deter o sangramento de seus lucros, ignorando a dualidade das ações dos “piratas”; a pirataria é apresentada como uma forma de divulgar para as outras pessoas trabalhos julgados com méritos pela pessoa que o disponibiliza. A afetuosidade com que o público do filme expõe as idéias dos filmes que elas gostam reflete isso, como a senhora que defende a generosidade transmitida pelo filme *Conduzindo Miss Daisy* (*Driving Miss Daisy*, 1989), enquanto outro rapaz reclama de sua mensagem condescendente em relação aos negros. Ou ainda a breve descrição de *O Rei Leão* busca aprofundar a visão de uma animação infantil, identificando elementos shakespearianos de sua narrativa.

A idéia dos filmes, as emoções que eles evocam e as discussões por eles motivadas é que levam o público a mais tarde realizarem seus próprios filmes com recursos mínimos, mas ricos na criatividade e na paixão da realização. Não parece ser um embate justo punir o público e seu carinho pelos filmes por causa de seu retorno financeiro não ser mais como nos tempos anteriores. Como um personagem do filme diz, adaptar-se é a resposta, afirmação evidenciada por Ianni:

O modo de produção capitalista está sempre em movimento, no sentido de que se transforma e expande, entra em crise e retoma sua expansão, de maneira errática mas progressiva, com freqüência inexorável. (IANNI, 2000, p.175)





O mercado sempre viveu de altos e baixos, tecnologias caem em desuso e novas tomam seu lugar, e com as novas tecnologias vêm novas possibilidades e novos hábitos, mas a necessidade humana de ouvir e contar histórias nunca diminuiu. Atitudes legislativas como a tomada pelo governo da Suécia são uma saída orgânica para o impasse atual perante a pirataria, uma postura que permite o movimento do modo capitalista em sua crise e vindoura expansão, respeitando a liberdade do público consumidor de se expressar a seu bel-prazer e permitindo que o mercado cinematográfico encontre novas saídas para o problema.

## REFERÊNCIAS

### Bibliografia

BURNETT, A. "Donnie Darko: The Director's Cut": The Strange Afterlife of an Indie Cult Film. **Indiewire**, EUA, jul. 2004. Disponível em:

<[http://www.indiewire.com/article/donnie\\_darko\\_the\\_directors\\_cut\\_the\\_strange\\_afterlife\\_of\\_an\\_indie\\_cult\\_film/](http://www.indiewire.com/article/donnie_darko_the_directors_cut_the_strange_afterlife_of_an_indie_cult_film/)> Acesso em: 03/03/2010.

CHANEY, J. "Parting Words For VHS Tapes, Soon to Be Gone With the Rewind". **The Washington Post**, EUA, ago. 2005. Disponível em:

<<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2005/08/26/AR2005082600332.html>> Acesso em: 03/03/2010.

DIZARD JR., W. **A nova mídia**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2000.

GOSCIOLA, V. **Roteiro para as novas mídias**. São Paulo : Senac São Paulo, 2003.

IANNI, O. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2000.

MACHADO, A. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. Campinas, SP : Papirus, 1997.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo : Brasiliense, 1994.

WOODCOCK, R. e WIELAGE, M. The rise and fall of Beta. **Videofax**, EUA, mar. 2003. Disponível em:

<<http://www.geocities.com/videoholic2000/RiseandFall.htm>> Acesso em: 03/03/2010.



## Sitiografia

**BNET Today:** <http://www.bnet.com/>

**IEEE - Institute of Electrical and Electronics Engineers, Inc.:**  
<http://www.ieee.org/>

**IMDb:** <http://www.imdb.com/>

**MovieWeb:** <http://www.movieweb.com/>

**Sony Global:** <http://www.sony.net/>

**YouTube:** <http://www.youtube.com/>

## Filmografia

CONDUZINDO Miss Daisy. (Driving Miss Daisy) Direção: Bruce Beresford. Produção: Richard D. Zanuck, Lili Fini Zanuck. EUA : Warner Bros., 1989. DVD (99 min)

DONNIE Darko. (Donnie Darko) Direção: Richard Kelly. Produção: Adam Fields, Nancy Juvonen, Sean McKittrick. EUA : New Market Films, 2001. DVD (113 min)

REBOBINE por favor. (Be Kind Rewind) Direção: Michel Gondry. Produção: Michel Gondry, Julie Fong e Georges Bermann. EUA : New Line Cinema, 2008. DVD (102 min)

REI Leão, O. (The Lion King) Direção: Roger Allers e Bob Minkoff. Produção: Alice Dewey e Don Hahn. EUA : Walt Disney Pictures, 1994. DVD (89 min)